

A MORTE E A RESSURREIÇÃO

Pr. Marcos Blanco

Marta conheceu o evangelho já na idade adulta. Quando se batizou, enfrentou forte oposição de seu marido e de suas duas filhas adolescentes. Com o passar do tempo, eles aprenderam a respeitar as convicções dela, mas nenhum deles sentia desejo de ir à igreja. A Marta se manteve fiel aos princípios bíblicos e passou a amar incondicionalmente sua família, sem pressioná-los para que fossem à igreja. Quinze anos depois, ela ficou gravemente enferma e morreu.

As filhas estavam desoladas. Seu esposo, devastado. Realmente a Marta havia sido uma esposa e mãe amorosa e excelente. Porém, antes de morrer deixou uma carta com a última exortação à sua família, para que entregassem o coração a Jesus.

Mediante a permissão deles, o pastor leu parte dessa carta na cerimônia fúnebre. Depois apresentou a esperança bíblica da ressurreição dos mortos e fez um convite aos presentes para se entregarem a Jesus a fim de encontrarem a Marta no dia da ressurreição. Findo o sepultamento, o marido e as filhas se acercaram do pastor expressando o desejo de estudarem a Bíblia com ele. A morte da Marta havia dado lugar à possibilidade da vida eterna para sua família.

Sim, a doutrina bíblica da ressurreição traz esperança diante o inimigo mais implacável do ser humano, a morte. Se aceitarmos Cristo em nosso coração, teremos a vida eterna: “E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 João 5:11, 12).

Lamentavelmente, desde o princípio Satanás tentou enganar as pessoas, criando uma resposta alternativa ao problema da morte. A mesma astúcia que empregou para enganar Eva, “Não morrerás”, segue sendo sua grande estratégia para enganar as pessoas hoje. A ideia da imortalidade da alma é difundida em todas as culturas. No Ocidente, a igreja popular sustenta com ênfase o conceito da existência consciente depois da morte. A intercessão dos santos e a doutrina do inferno são dois exemplos claros dessa postura.

A “nova espiritualidade”, que emprega elementos das religiões orientais e a mescla com outras crenças cristãs, gerou um sincretismo religioso que tem a vida consciente depois da morte como sua bandeira de guerra. Hoje, quase não há filmes em Hollywood que não transmitam essa ideia. Dessa forma, domina amplamente o conceito de que não importa a forma de nos comportarmos, de igual maneira teremos a vida eterna. Ellen G. White disse: “O único que prometeu a Adão vida em desobediência foi o grande enganador. E a declaração da serpente a Eva, no Éden – ‘Certamente não morreréis’ - foi o primeiro sermão pregado acerca da imortalidade da alma. Todavia, esta declaração, repousando apenas na autoridade de Satanás, ecoa dos púlpitos da cristandade, e é recebida pela maior parte da humanidade tão facilmente como o foi pelos nossos primeiros pais. À sentença divina: ‘A alma que pecar, essa morrerá’ (Ezeq. 18:20), é dada a significação: A alma que pecar, essa não morrerá, mas viverá eternamente. Não podemos senão nos admirar da estranha fatuidade que tão crédulos torna os homens com relação às palavras de Satanás, e incrédulos com respeito às palavras de Deus” (*O Grande Conflito*, p. 533).

É igualmente enganosa a crença do inferno com seu sofrimento eterno. Deus disse que o

pecado resulta em morte. Isso não dá lugar para a ideia do tormento eterno. Porém, a maior parte dos cristãos aceitou essa crença. Essa doutrina se destina a desfigurar o caráter de Deus. Como um Deus de amor pode torturar pelos séculos sem fim um pecador nas chamas do inferno? Tal tirano não deve ser amado, mas temido.

O espiritismo, que propaga a ideia da imortalidade incondicional da alma tem o potencial de ser ainda mais sinistro e em suas diversas expressões chegou a ser o movimento mais popular de todos os tempos. Graças a supostas revelações feitas pelos mortos, os crédulos se transformam em presas fáceis de toda sorte de novos enganos. “O espiritismo é a obra-mestra do engano. É a mais fascinante e bem-sucedida ilusão de Satanás, calculada para atrair a simpatia dos que tiveram de levar seus queridos à tumba. Anjos maus aparecem sob a forma dos que morreram, relatando incidentes ligados à vida deles e desempenhando atos que eles realizaram enquanto viviam. Desta forma [os anjos maus] levam as pessoas a acreditar que seus amigos mortos são anjos, os quais podem estar a seu lado e comunicar-se com eles. Esses anjos maus, que se apresentam como os queridos mortos, são tratados com uma certa idolatria, e sua palavra é considerada como de muito maior peso que a Palavra de Deus” (*A Verdade Sobre os Anjos*, p. 262).

Ainda, o espiritismo será a grande arma que Satanás irá utilizar no tempo do fim para fazer com que as pessoas se percam: “Mediante os dois grandes erros - a imortalidade da alma e a santidade do domingo - Satanás há de enredar o povo em suas malhas” (*O Grande Conflito*, p. 588).

Nossa doutrina que rechaça a imortalidade do ser (alma), seguramente nos separa do resto dos agrupamentos religiosos organizados e essa diferença faz com que chamemos a atenção das multidões. Incorpora todas as crenças no contexto do grande conflito. Isso quer dizer que Deus é nosso Criador e que a desobediência é a causa de todos os nossos sofrimentos. Também proclama que, como Deus de amor, embora rechace o pecado, manifesta Sua graça e Sua misericórdia para com o pecador. A realidade de um Salvador amoroso (que está perto de voltar e que devido à Sua ressurreição chamará Seus filhos para uma nova vida em Cristo) é oportuna em meio à insegurança e temor que predomina no mundo hostil em que vivemos.

Os Ensinos da Bíblia

As Escrituras apresentam, com muita clareza, a morte como um estado inconsciente da pessoa que morre. O morto não experimenta as delícias celestiais tampouco as agonias do inferno. Também não volta ao mundo em outro corpo. Simplesmente descansa na sepultura (Salmo 115:17; Apocalipse 14:13). Esse repouso não será eterno, como acreditam as pessoas seculares. Pelo contrário, chegará a seu fim quando o Criador chamar Seus filhos que morreram para que tornem à vida (Daniel 12:2); quer seja na ressurreição dos justos, por ocasião da segunda vinda de Cristo, ou quando, depois do milênio, os pecadores ressuscitarem para o juízo final (Apocalipse 20:4-6).

Somente Deus possui a imortalidade. Unicamente a deidade (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) possui vida de forma inata, original, própria, direta e eterna. Ao se referir a Deus, Paulo exclamou: “o único que possui imortalidade” (1 Timóteo 6:16).

Essa realidade está em forte contraste com a natureza humana. Diferentemente do Criador, nós somos mortais. Envelhecemos e morremos. Isso quer dizer que atualmente não possuímos o dom da imortalidade.

A Alma é Independente do Corpo?

Entre os cristãos que reconhecem a realidade a respeito da morte, há muitos que asseguram que temos uma parte imortal, chamada alma, que tem a capacidade de existir de forma separada do corpo. Porém, esse conceito não está em harmonia com o que afirma Gênesis 2:7, cujo texto é fundamental para a compreensão dos ensinamentos bíblicos referentes à natureza humana: “Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gênesis 2:7).

De acordo com essa afirmação do Criador, a alma corresponde ao que a pessoa é quando seu corpo está dotado do alento vital. Vale destacar que, ao fazer referência aos peixes e aos animais, a Bíblia também diz que são “seres viventes” (ver Gênesis 1:20, 24), esses textos correspondem às mesmas palavras hebraicas que aparecem no capítulo 2 já mencionado, descrevendo os seres humanos com os mesmos termos das outras criaturas. A Bíblia nem remotamente sugere a ideia de que a pessoa tem uma alma/ser com a capacidade de viver independentemente do corpo. Aquele que perde o alento vital, simplesmente deixa de ser. Dizendo de outra forma, já não mais é alma.

Chegará o dia quando os redimidos receberão o dom da imortalidade, porém ele ainda não chegou. Com toda a clareza, a Bíblia antecipa muitos antecedentes a respeito desse dia. Os mortos serão levados à tumba ao soar da trombeta; então e somente então, nesse momento, os justos serão revestidos com a imortalidade (ver 1 Coríntios 15:51-55). Isso acontecerá por ocasião da Segunda Vinda, quando Cristo Se manifestar em glória e majestade (1 Tessalonicenses 4:13-18). Porém, os que receberão o dom da imortalidade não serão almas/seres que estarão desprovidos de corpo. Não. Paulo assim o afirma: “Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória” (1 Coríntios 15:53-54).

Os ímpios jamais receberão o dom da imortalidade. Pelo contrário, em vez de perdurarem por toda a eternidade, como afirmam muitos, o castigo que receberão terá consequências eternas depois de haverem sido consumidos pelas chamas purificadoras com as quais Deus os exterminará no final do período de mil anos (ver Apocalipse 20:9).

Ao fazer referência à morte, a Bíblia a compara com o sonho (Salmo 13:3; Jeremias 51:39, 57). Com respeito aos que morreram, frequentemente o registro bíblico diz que estão dormindo (1 Reis 2:10; Daniel 12:2). Jesus tinha predileção por essa figura para se referir à morte (ver Mateus 9:24; João 11:11-14). Quando uma pessoa está dormindo, não tem ideia do que acontece ao seu redor. Nenhuma parte sua se pode desprender e desfrutar certa forma de existência separada do corpo. Embora os que estejam dormindo desconheçam tudo o que acontece com o passar do tempo, chegará o momento em que *despertarão* para a vida. Dessa forma, a metáfora do sono é bem apropriada para que possamos compreender o tema da morte.

Atualmente, os que estão dormindo nos sepulcros não sabem nem sentem nada. Porém, quando o relógio celestial soar a trombeta de Deus, semelhante a um alarme, os que estão sob o efeito do sono da morte serão despertados.

Antegozo da Ressurreição

Nos evangelhos está registrada uma história que apresenta com muita clareza a verdade a respeito da reação de Jesus diante do drama da morte, e de Seus planos para Seus filhos fiéis que estão descansando no pó da terra. Esta se encontra no capítulo 11 de João. Uma repentina tristeza invadiu o lar de Marta e Maria. Seu irmão Lázaro morrera. Como sentiam saudades dele! Até tarde daquela noite as irmãs estiveram recordando histórias interessantes e outras situações agradáveis que haviam compartilhado com seu querido irmão enquanto estava vivo. Porém, as boas recordações não eram suficientes para substituir a presença e a agradável companhia do irmão a quem muito amavam. A dor causada pela separação fez com que chorassem a ponto de se lhes secar a fonte de suas lágrimas.

Estavam passando por essa tristeza quando, inesperadamente, surgiu no coração de uma delas um raio de esperança. Jesus tinha vindo visitá-las. Finalmente seu querido Mestre havia chegado. Maria e Marta não tinham a menor ideia do que Cristo iria fazer nessas circunstâncias; mas, Sua presença lhes deu tranquilidade e esperança. Aquele que é atribulado devido à morte, Jesus nunca o abandona na aflição.

Depois de haver estado com Maria e Marta, Jesus foi conduzido à tumba. Ao chegar ao sepulcro, as pessoas ficaram surpresas pelo gesto humano de Cristo, cuja reação foi registrada em um dos versos mais curtos da Bíblia: “Jesus chorou” (João 11:35). Efetivamente Cristo chorou. Grandes lágrimas rolaram por Seu rosto. Sentia pena pela angústia que seus amigos estavam passando. Em nossos dias, o Salvador ressuscitado também se compadecesse em cada funeral. Seu coração fica quebrantado. Ele sofre ao nos ver abatidos pelas aflições que padecemos.

Felizmente, a história de Lázaro não finda no vale de lágrimas. “Lázaro, sai para fora!” Jesus proclamou com potente voz diante da tumba na qual haviam tirado a pedra que a mantinha fechada. Do interior do sepulcro se ouve a voz daquele que estivera morto, mas que voltava à existência são e com vigor. Que reunião extraordinária com os amigos e parentes! Que abraços prolongados e apertados! Quantas lágrimas de alegria! Todos tinham dificuldades para expressar tamanha alegria!

Assim como o relato não finda com a morte de Lázaro, nem com a aflição da família e tristeza dos amigos, igualmente o último capítulo da história de cada filho de Deus que descansa em Cristo na morte e a tristeza de seus queridos terão um final feliz. Esse capítulo ainda será escrito.

A voz que ativou os ouvidos de Lázaro logo será novamente ouvida com a mesma ordem: “Saíam para fora!” Nesse instante, os filhos de Deus que estiverem repousando voltarão à vida como resultado desse chamado. O que ocorreu junto à tumba de Lázaro é uma sinopse, uma antecipação em pequena escala, do que acontecerá em âmbito universal quando Jesus voltar e, ao soar da trombeta, promulgar a ordem: “Saíam para fora!” As sepulturas se abrirão e os fiéis que dormem no Senhor se levantarão. Então também haverá abraços e lágrimas ao nos reencontrarmos com aqueles que foram arrebatados pelo poder da morte.

Hoje você pode tomar duas decisões. A primeira é entregar seu coração a Aquele que levantará dos mortos todos os Seus filhos e viver com essa esperança como seu horizonte. A segunda é compartilhar da esperança daqueles que somente têm a morte e a desesperança como horizonte. Sim, Deus tem a solução para o problema da morte! As pessoas podem descobrir como se relacionarem com Aquele que é o caminho, a verdade e a vida.

O MINISTÉRIO DE CRISTO NO SANTUÁRIO CELESTIAL

Pr. Marcos Blanco

Quando eu era criança, ficava apavorado com a ideia do juízo. Ainda, ouvia alguns adultos dizerem a respeito da possibilidade de que o julgamento já tivesse passado por nossas cabeças e que nosso destino já estava selado. Isso não era algo que me alentava espiritualmente. De forma geral, o santuário celestial é associado com a ideia do julgamento. Lamentavelmente, a palavra “juízo” não tem boas conotações na cultura ocidental. Em nossa igreja, alguns abusaram da ideia do juízo.

Porém, não temos necessidade de temer o juízo se compreendermos seu significado hebraico que é bem diferente do sistema legal predominante nos países ocidentais. O sistema ocidental requer a participação de juizes que, em muitos países subdesenvolvidos, tendem a favorecer as pessoas endinheiradas. Não obstante, a *Jewish Encyclopedia* [Enciclopédia Judaica] explica que, nos tribunais de justiça, “não havia a presença de promotores, estes eram desconhecidos da legislação”. O código legal judaico requeria que os juizes “sempre ficassem do lado do acusado, a quem se lhe devia dar o benefício da dúvida”.

Enquanto as testemunhas do crime pressionavam com sua participação, o juiz promovia a causa do defendido, influenciando para que saísse livre da culpa em virtude de um veredicto. Mas, ao juiz também correspondia executar a justiça. Caso a evidência da culpa fosse incontestável, com recusa o juiz deixava a posição de defesa do acusado a fim de pronunciar a condenação. O importante de todo o sistema jurídico, nos tempos bíblicos, era sua predisposição em favor da defesa e não da condenação do acusado.

Embora o conceito seja bonito, deixa-nos com uma pergunta. Se Deus, no juízo celestial, nos está defendendo, quem ousará contrariá-Lo? De fato será o demônio que no juízo faz as perguntas com respeito à nossa salvação. A Bíblia o desmascara como o “acusador dos irmãos”, o “o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus” (Apocalipse 12:10).

Em certas ocasiões, também o juiz hebreu designava um advogado intercessor para ser o defensor do acusado. A *Jewish Encyclopedia* destaca que, além disso, o marido poderia representar sua mulher no julgamento, com o propósito de ajudar o juiz quando o veredicto comprometia a defesa dos direitos legítimos do cônjuge.

Temos aqui uma similaridade comovente do juízo celestial. Cristo, o noivo da igreja, comprou-nos com Seu próprio sangue. Agora Ele, como Advogado Designado pelo tribunal para ajudar seu Pai, é o nosso defensor contra as acusações de Satanás.

As novas são maravilhosas! No juízo, Deus está do nosso lado e contra Satanás. Além disso, Jesus, nosso Advogado, nos ajuda ao interceder por nós. Deus diz que no sacrifício de Cristo foram satisfeitas as exigências legais para aceitar o pecador arrependido e para nos considerar perfeitos. Isso me dá segurança! Inspira a minha salvação em Cristo! Permite-me ver como Jesus, o Juiz, pode atuar também como nosso defensor. Não há conflito em uma dupla função. Na verdade, Jesus nos tem de defender visto ser nosso Juiz.

O que Precisamos Saber a Respeito do Juízo

1. A Bíblia afirma que há um santuário no céu, o verdadeiro Tabernáculo que o Senhor erigiu e não o homem. Nesse santuário Cristo ministra em nosso favor, para pôr à dis-

posição dos crentes os benefícios de Seus sacrifício expiatório oferecido uma vez e para sempre na cruz (Hebreus 8:1-5; 4:14-16; 9:11-28; 10:19-22; 1:3; 2:16).

2. Cristo é nosso grande Sumo Sacerdote e iniciou Seu ministério de intercessão quando de sua ascensão. Em 1844, ao concluir o período profético dos 2.300 dias, deu início à segunda fase de Seu ministério expiatório. Essa obra é um juízo investigativo, que faz parte da eliminação definitiva do pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico no Dia da Expição. No serviço simbólico, o santuário era purificado mediante o sangue dos sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas mediante o perfeito sacrifício do sangue de Jesus (Daniel 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Números 14:34; Ezequiel 4:6; Levíticos 16).
3. O juízo investigativo revela às inteligências celestiais aqueles que, dentre os mortos em Cristo, são dignos de participar da primeira ressurreição. Também deixa claro entre os vivos os que permanecem em Cristo e que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus e que estão preparados para serem trasladados a Seu Reino eterno. Esse julgamento vindica a justiça de Deus ao salvar os que creem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. Por fim, o ministério de Cristo assinalará o fim do tempo de provas dados aos seres humanos antes de sua segunda vinda (Apocalipse 14:6, 7; 20:12; 14:12; 22:12).

O Juízo: A Certeza da Salvação

No Salmo 27, Davi apresenta a aplicação prática da mensagem do santuário em sua própria experiência: “Pois, no dia da adversidade, ele me ocultará no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo, me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha. Agora, será exaltada a minha cabeça acima dos inimigos que me cercam...” (vs 5, 6). Davi escreveu este Salmo enquanto fugia do rei Saul. O rei e seu exército – inimigos de Davi – eram testemunhas falsas (ver o verso 12), que acusavam Davi de insurreição contra o governo. Ele necessitava desesperadamente da proteção “no dia da adversidade”. Necessitava também de vindicação contra as acusações falsas que lhe eram imputadas. Para Davi a mensagem do santuário significava a promessa de proteção e vindicação no Tabernáculo de Deus.

Esse é exatamente o significado do juízo investigativo antes da vinda de Jesus o qual temos o privilégio de proclamar. Na angústia, quer no tempo presente ou nos últimos dias, aqueles que fazem parte do povo que confia em Deus receberão amparo, serão purificados e justificados e receberão a proteção ao estarem escondidos em Seu tabernáculo, em Seu templo celestial.

O Convite para Entrar Hoje no Tabernáculo

Nesse mesmo Salmo, Davi expressa: “Ao meu coração me ocorre: Buscai a minha presença; buscarei, pois, SENHOR, a tua presença” (v. 8).

O propósito essencial do santuário era que o adorador estabelecesse relacionamento pessoal com o Deus do santuário. Isso ficou muito bem especificado quando Deus deu as instruções para a construção do tabernáculo terrestre: “E me farão um santuário, para que eu possa habitar no meio deles” (Êxodo 25:8). O santuário celestial é o lugar onde Cristo, agora, está ministrando em nosso favor. Ele agora nos convida a entrar, pela fé, nos recintos sagrados, para que busquemos Seu rosto. Ele agora nos convida a nos assentarmos nos “lugares celestiais” (Efésios 2:6), na casa do Senhor. O santuário é mais que um objeto bonito, uma doutrina ver-

dadeira, um comportamento correto, um festival ocasional de louvor. É a forma de vida em constante e íntima relação com o Amado, em Sua santa presença, nos lugares celestiais.

Pela fé, podemos entrar agora. Também pela fé podemos buscar Sua presença com o propósito de experimentar um relacionamento pessoal com Jesus enquanto aguardamos o fim de tudo.

COMO VIVER NO DIA ANTÍTIPO DO DIA DA EXPIAÇÃO

Pr. Marcos Blanco

Ainda me lembro do dia em que seria dada a sentença de uma ação movida contra meu irmão devido a um grave acidente de trânsito no qual ele se envolvera. A ação durou anos e naquele dia seria dada a sentença. A espera e a ansiedade foram tremendas, visto sabermos o que estava em jogo.

Um sentimento muito mais intenso dominava o povo de Israel uma vez por ano, durante o Dia da Expição. Essa experiência era muito mais forte e fervorosa devido ao que estava em jogo: a salvação ou a perdição eternas.

O Dia da Expição

Assim como já vimos, há um Santuário celestial no qual Jesus está ministrando. Esse Santuário é o “verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hebreus 8:1, 2). Nesse local Cristo atua como Sumo Sacerdote “à destra do trono da Majestade nos céus”. Deus usou os serviços ali realizados para proclamar o evangelho (Hebreus 4:2). Os serviços do santuário terrestre eram “uma parábola para a época presente”, até a primeira vinda de Cristo (Hebreus 9:9, 10). Por meio dos símbolos e dos rituais, Deus Se propunha captar a atenção de Israel e enfocá-la no ministério sacerdotal do grande Sumo Sacerdote, Cristo Jesus.

O santuário ilustra três fases do Ministério de Cristo: o sacrifício substitutivo, a mediação sacerdotal e o juízo final. A primeira fase foi cumprida na cruz, quando Cristo morreu pelos pecados da humanidade. O ministério de intercessão iniciou ao ascender “à destra do trono da Majestade nos céus”, e continua “vivendo sempre para interceder” por nós (Hebreus 7:25). Esse ministério prossegue até o presente.

O sacrifício substitutivo e a intercessão eram algo que ocorria diariamente no santuário terrestre. Mas, uma vez por ano, o sumo sacerdote participava da cerimônia do Dia da Expição. Na segunda divisão do santuário, o lugar santíssimo, era realizada uma cerimônia de purificação do santuário e do povo de Deus.

A purificação do santuário requeria dois bodes, um para o Senhor e outro para Azazel. O sumo sacerdote sacrificava o bode do Senhor e fazia expiação pelo “pelo santuário [equivalente ao lugar santíssimo], pela tenda da congregação [o lugar santo] e pelo altar [o pátio]” (Levíticos 16:20; ver também 16:16-18).

O sumo sacerdote tomava o sangue do bode correspondente ao Senhor, que representava o sangue de Cristo e o levava ao Lugar Santíssimo, para aplicá-lo diretamente no Propiciatório (a tampa da arca que continha os Dez Mandamentos), para satisfazer os requerimentos da santa lei de Deus. Essa ação simbolizava o preço imensurável que Cristo devia pagar pelos pecados do mundo, e revelava a disposição de Deus de reconciliar-se com Seu povo. Em seguida, aplicava o sangue no altar de incenso e no altar dos sacrifícios, que a cada dia do ano haviam sido aspergidos com o sangue que representava os pecados confessados. Assim, o sumo sacerdote fazia expiação pelo santuário e também pelo povo, efetuando a purificação de ambos (Levíticos 16:16-20, 30-33).

Depois, representando a Cristo como Mediador, o sumo sacerdote tomava sobre si mesmo os pecados que haviam contaminado o santuário e os transferia ao bode vivo, o Azazel, que era levado para fora do acampamento do povo de Deus. Essa ação purificava os pecados do povo pois haviam sido transferidos simbolicamente dos crentes arrependidos para o santuário, por meio do sangue ou da carne dos sacrifícios do ministério diário de perdão. Por esse ritual, o santuário era purificado e preparado para a obra de mais um ano de ministério (Levíticos 16:16-20, 30-33). Era dessa forma que se fazia o acerto entre Deus e Seu povo.

Assim sendo, o Dia da Expição ilustra o processo de juízo que enfoca a eliminação do pecado. A expiação que era realizada nesse dia antecipava a aplicação final dos méritos de Cristo, que eliminarão, por toda a eternidade a presença do pecado e que obterão a reconciliação plena do universo em um só governo harmonioso, sob a direção de Deus.

Portanto, os acontecimentos que ocorriam durante o Dia da Expição ilustram as três fases do juízo final de Deus: o juízo pré-milênio, o juízo anterior ao advento de Cristo; o juízo do milênio e o juízo executivo, que ocorre no fim do milênio.

A profecia de Daniel 8:14, em conjunção com Levíticos 16 e Apocalipse 22:10-12, nos diz que estamos vivendo no momento do antítipo do Dia da Expição. A profecia das 2.300 tardes e manhãs assinala o dia 22 de outubro de 1844 como o início do ministério sumo sacerdotal de Cristo no lugar santíssimo. Esse ministério, como já analisado, era prefigurado pelo sacerdote do santuário terrestre no Dia da Expição.

O Preparo para o Dia da Expição

A proximidade do Dia da Expição requeria um preparo especial do povo de Israel. O próprio Deus ordenou: “Mas, aos dez deste mês sétimo, será o Dia da Expição; tereis santa convocação e afligireis a vossa alma; trareis oferta queimada ao SENHOR. Nesse mesmo dia, nenhuma obra fareis, porque é o Dia da Expição, para fazer expiação por vós perante o SENHOR, vosso Deus. Porque toda alma que, nesse dia, se não afligir será eliminada do seu povo. Quem, nesse dia, fizer alguma obra, a esse eu destruirei do meio do seu povo. Nenhuma obra fareis; é estatuto perpétuo pelas vossas gerações, em todas as vossas moradas. Sábado de descanso solene vos será; então, afligireis a vossa alma; aos nove do mês, de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado” (Levíticos 23:27-32).

Esse dia era dedicado a uma profunda introspecção da alma. Isso era feito com uma intensidade especial. Cessavam todas as atividades para o jejum e oração em sincero arrependimento. “Toda esta cerimônia tinha por fim impressionar os israelitas com a santidade de Deus e o Seu horror ao pecado; e, demais, mostrar-lhes que não poderiam entrar em contato com o pecado sem se poluir. Exigia-se que, enquanto a obra de expiação se efetuava, cada homem afligisse a alma. Todas as ocupações deviam ser postas de parte, e toda a congregação de Israel passar o dia em solene humilhação diante de Deus, com oração, jejum e profundo exame de coração” (*Cristo em Seu Santuário*, p. 93).

De igual forma, hoje vivemos no grande dia antítipo da Expição. Assim como era requerido que os israelitas que afligissem seu coração nesse dia, Deus requer que Seu povo hoje experimente um arrependimento sincero do coração. Todos os que desejam manter seu nome no Livro da Vida devem acertar contas com Deus e com seus semelhantes durante esse tempo em que se está realizando o juízo de Deus (Apocalipse 14:7).

Deus espera o mesmo de Seu povo adventista hoje do que esperava do povo de Israel na antiguidade. Ellen G. White declara: “Cristo está purificando o Templo celestial [Heb. 9:23] dos pecados do povo, e devemos trabalhar em harmonia com Ele na terra, purificando o templo da alma de sua contaminação moral” (“The Danger of Talking Doubt”, *Review and Herald* (11 de fevereiro de 1890), p. 81).

Em consonância com a purificação que Cristo está realizando no Santuário celestial agora, espera-se que purifiquemos o templo da alma de toda a contaminação moral, de toda a mancha do pecado.

Há crentes que vivem agora como se a vida fosse uma “festa”, desperdiçando os recursos e tempo em atividades sem sentido, muitas delas até mesmo pecaminosas. Não há dúvidas de que devemos experimentar a alegria cristã em nossa vida, mas devemos estar plenamente conscientes de que estamos vivendo no Dia antítipo da Expição e, portanto, estar “em solene humilhação diante de Deus, com oração, jejum e profundo exame de coração” (*Cristo em Seu Santuário*, p. 93). Não há margem para a perda de tempo. Não podemos permanecer alheios ao que está sucedendo no santuário celestial. Nosso estilo de vida deve estar em harmonia com os tempos proféticos nos quais estamos vivendo.

Aonde nos deve levar essa reflexão? Ao lugar onde ocorrem todas as vitórias espirituais. Ellen G. White insta: “Precisamos orar agora como nunca oramos anteriormente. Estamos vivendo no grande dia da expiação, e devemos confessar nossos pecados e fazer diligente esforço em prol do arrependimento” (*Este Dia com Deus*, MM 1980, p. 334).

Em oração, agora mesmo você pode pedir perdão por seus pecados e reivindicar as promessas de Deus, acima de tudo as que prometem o poder do Alto para vencer todo hábito pecaminoso, todo pensamento impuro, toda mancha de pecado que possa estar contaminando seu coração.

Isso é viver de forma cabal o antítipo do Dia da Expição.

A CERTEZA DA SEGUNDA VINDA DE CRISTO

Marcos Blanco

Certa vez, um pai disse a seu filho de 5 anos que iria fazer uma longa viagem, mas que certamente iria voltar.

- Voltarei.

- Como vou saber quando você voltará? – a criança lhe perguntou.

- Quando você vir o quintal coberto pelas folhas das árvores, faltará pouco para meu regresso – o pai respondeu, depois de pensar um pouco.

Depois que o papai saiu, todos os dias o menino corria até o quintal para olhar as árvores. À medida que o outono se foi aproximando, as folhas começaram a cair e a adquirirem tons avermelhados e amarelos. Certa noite, houve uma grande ventania. Na manhã seguinte, como o fazia normalmente, o menino correu para o quintal e ficou surpreso ao descobrir que ele estava coberto pelas folhas das árvores. Então exclamou:

- O papai está voltando para casa!

A Bíblia nos conta uma história parecida. Jesus estava saindo do pátio do templo quando um de Seus discípulos entusiasmado declarou:

- Mestre, veja que pedras e que edifícios!

A resposta de Jesus o deixou confuso:

- Você está vendo estes grandes edifícios? Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada (Marcos 13:1, 2).

Os discípulos se reuniram a um canto para discutirem o que é que Jesus estava querendo dizer. Depois chegaram a uma conclusão e pediram que Jesus lhes dissesse “quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século”? (Mateus 24:3).

Jesus então começou a enumerar uma série de sinais que indicariam a proximidade de Sua volta. Apresentou sinais no âmbito político e militar (versos 6, 7), sinais no âmbito da natureza (verso 7), sinais no âmbito social (verso 10, 12) e sinais no âmbito religioso (verso 24).

É verdade que as guerras, fomes, falsos mestres e enfermidades sempre existiram, desde a entrada do pecado neste mundo, mas a intensidade e o alcance com que ocorrem atualmente nos estão enviando um claro sinal: Cristo Se está aproximando.

Sinais na Natureza

Vejam, por exemplo, os sinais na natureza. Ninguém tem dúvida de que a natureza se está comportando de forma estranha e desenfreada. Ciclones e tormentas tropicais, terremotos, tsunamis e inundações afligem o globo cada vez com maior intensidade.

Na reunião mundial sobre as Mudanças Climáticas, o organismo da ONU que estuda com mais profundidade as mudanças na natureza emitiu seu último relatório no dia 6 de fevereiro de 2007, em Nairóbi, capital do Quênia. No relatório foi assinalado: “A advertência do sistema climático está equivocada”, e advertiram a respeito das “consequências previsíveis e devastadoras da mudança climática”.

Toda vez que Jesus fala de sinais na natureza, vincula-os com a fome, com a aparição de pestilências e de enfermidades (Mateus 24:7; Marcos 13:8). Efetivamente, as mudanças climáticas estão fazendo com que o cultivo de cereais diminua drasticamente, de maneira acentuada nos trópicos. Como consequência, isso fará reaparecer a fome. De fato, essa é a primeira preocupação da ONU diante das crises que elevou o preço dos alimentos nos últimos meses.

Quanto às pestes, a Organização Mundial da Saúde advertiu que os novos padrões das chuvas e das estiagens e das tormentas estão acelerando a expansão das enfermidades como a malária, o paludismo e a febre decorrente da dengue em várias regiões. A mudança climática está piorando as crises na saúde em muitos países nos quais o acesso às instituições de saúde não é igualitário. A diretora geral da OMS, Margaret Chan, declarou que “as enfermidades e as condições sensíveis às mudanças climáticas já estão criando enormes impactos financeiros em muitos países [...] O impacto da mudança climática está atuando como um amplificador”.

Porém, ainda há mais. Depois do relatório da reunião intergovernamental das Mudanças Climáticas, de 2007, os cientistas da *Revista de La Asociación de Científicos Nucleares Estadounidenses* decidiram adiantar o “relógio do juízo final”. Esse relógio contém dois ponteiros que não se movem. Um deles, o que marca as horas, está permanentemente fixado no número 12. O outro, o dos minutos, já foi movido em 19 ocasiões durante a última metade do século passado. O relógio foi criado em 1947, para dar a entender o quanto nosso mundo se está aproximando da “meia-noite”; ou seja, de seu fim.

Depois de interpretar os sinais na natureza, os cientistas colocaram o relógio marcando 5 para meia-noite, dando a entender que nos aproximamos rapidamente do fim. Temos de considerar que a maioria desses cientistas são ateus.

O que Necessito Saber a Respeito da Segunda Vinda

1. A segunda vinda de Cristo é a bem-aventurada esperança da igreja, a grande culminação do evangelho (Tito 2:13; Hebreus 9:28; João 14:1-3; Atos 1:9-11; Mateus 24:14).
2. A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e de alcance mundial (Apocalipse 1:7; Mateus 24:43).
3. Quando o Senhor voltar, os justos mortos ressuscitarão e, juntamente com os justos que estiverem então vivos, serão glorificados e levados ao céu. Os ímpios, porém, irão morrer (1 Tessalonicenses 4:13-18; 1 Coríntios 15:51-54; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2:8; Apocalipse 14:14-20; 19:11-21).
4. O fato de a maior parte das profecias estarem alcançando seu pleno cumprimento, somando-se às atuais condições mundiais, são indícios de que a vinda de Cristo é iminente. O momento em que ocorrerá esse acontecimento não foi revelado e, assim sendo, somos exortados a estarmos preparados o tempo todo (Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21; 2 Timóteo 3:1-5; 1 Tessalonicenses 5:1-6).

A Necessidade de Estarmos Prontos

Depois de dar os sinais que indicariam a proximidade de Sua volta, Jesus pronunciou a parábola das dez virgens com o objetivo de ilustrar a experiência da igreja dos últimos dias. As duas classes de virgens representam as duas classes de crentes que professam estar esperando seu Senhor. São chamadas de virgens porque professam uma fé pura. Suas lâmpadas representam a Palavra de Deus, e o azeite o Espírito Santo.

Analisando superficialmente, parece que esses dois grupos são semelhantes; ambos saem ao encontro do Noivo; os dois têm azeite nas lamparinas e seu comportamento não parece ser diferente um do outro. Todos ouviram a mensagem da breve volta de Cristo e O estão esperando. Porém, ocorre uma aparente demora. Sua fé deve ser provada.

Então, à meia-noite, na hora mais tenebrosa da história do mundo, ouve-se um grito: “Eis o noivo! Sai ao seu encontro!” (Mateus 25:6). Agora fica evidente a diferença entre os dois grupos: um deles não está preparado para se encontrar com o Noivo. Essas virgens “nécias” não são hipócritas; respeitam a verdade, a Palavra de Deus, mas lhes falta o azeite: não foram seladas pelo Espírito Santo (ver Apocalipse 7:1-3). Contentaram-se com uma obra superficial, não cultivaram profunda relação com Cristo.

Quando chega o esposo, somente os que estiverem prontos entrarão com Ele para a celebração da festa das bodas e a porta se fecha. Mais tarde, as virgens necias que saíram para comprar azeite voltam e batem à porta: “Senhor, senhor, abre-nos a porta!” Mas o noivo responde: “Não vos conheço” (Mateus 25:11, 12).

Quando as cortinas da história deste mundo forem baixadas, somente haverá duas classes de pessoas. O único que irá importar nesse momento será o tipo de relacionamento que mantivemos com Jesus.

O que a Figueira Nos Pode Ensinar

Jesus disse aos discípulos em seu sermão profético: “Aprendeis, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (Marcos 13:28, 29).

Evidentemente, a grande “figueira” da natureza nos está gritando: “o verão” se aproxima. Sim, Jesus está às portas. O tempo é breve. O momento de cultivar nosso relacionamento com Jesus é agora. Amanhã poderá ser demasiadamente tarde. “Estai de sobreaviso, vigiai e orai; porque não sabeis quando será o tempo” (Marcos 13:33).

Jesus nos diz: “Certamente, venho sem demora”. Que possamos dizer, junto com o apóstolo João: “Amém! Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 22:20).

AGUARDE A VOLTA IMINENTE DE CRISTO

Pastor Marcos Blanco

A segunda vinda de Cristo segue sendo o centro da fé adventista. Essa esperança acrescenta expectativa em tudo o que fazemos e cremos como igreja. Tanto mais ainda porque nos dá um sentido de iminência e urgência para cumprir a tarefa que nos foi encomendada por Deus.

Depois de instruir os discípulos com respeito aos sinais que anunciariam Sua segunda vinda (Mateus 24:1-42), Jesus centralizou-Se no pensamento de que devemos vigiar, orar e estarmos prontos para esse momento (Mateus 24:43-51; 25:1-13). Porém, Jesus também deixou claro que essa não seria uma espera passiva tampouco improdutiva. Em seguida, passou a narrar várias parábolas centralizadas na forma pela qual devemos esperar a segunda vinda.

Na parábola dos talentos (Mateus 25:14-30), Jesus enfatiza a obrigação que temos, como crentes, de colocar nossos dons ao serviço do Mestre. Não podemos esperar a segunda vinda sentados deixando nossos talentos enterrados. Jesus quer que O sirvamos com tudo o que possuímos: tempo, dinheiro e dons.

Novamente, é mencionado que haverá apenas duas classes de pessoas quando Cristo voltar. Aos que colocaram seus dons a serviço de Deus, Jesus dirá: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21). Aos que enterrarem seus dons, de forma egoística, Jesus dirá: “Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 25:25-30).

Na seguinte parábola, Jesus detalha um pouco mais do que significa esperar pela segunda vinda pondo nossos dons à disposição de Deus (Mateus 25:31-46). Com a parábola das ovelhas e dos cabritos, Jesus esclareceu que esta seria uma espera ativa e produtiva, centrada na preocupação pelos demais.

Outra vez as pessoas são divididas em dois grupos. De um lado ficam as ovelhas que, ao mesmo tempo em que velavam e oravam com o fim de estarem preparadas para a volta de Cristo, alimentavam os famintos, visitavam os enfermos e vestiam ao nu; ou seja, pregavam o evangelho por palavra e preceito. A esses Jesus dirá em Sua segunda vinda: “Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (v. 34).

Por outro lado, aqueles que enterraram seus dons, que não se preocuparam com a salvação dos demais, que não alimentaram o faminto, irão ouvir dos próprios lábios de Jesus: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (v. 41).

O ensino é claro e direto: há apenas uma forma correta de esperar pela segunda vinda: o serviço a Deus mediante a proclamação do evangelho e a preocupação com os semelhantes.

Apressar a Vinda de Jesus

Ao participar ativamente na pregação do evangelho, não apenas estaremos esperando a segunda vinda, mas também iremos apressá-la (2 Pedro 3:12). Ellen G. White afirma: “Dando o evangelho ao mundo, está em nosso poder apressar a volta de nosso Senhor.... É privilégio de todo cristão, não só aguardar, mas mesmo apressar a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Se todos os que professam o Seu nome estivessem produzindo fruto para Sua glória, quão rapidamente seria lançada em todo o mundo a semente do evangelho! Depressa amadureceria a última seara, e Cristo viria para juntar o precioso grão” (*Evangelismo*, p. 697).

A espera ativa do povo de Deus não apenas tem o propósito de fazer com que os filhos de Deus cresçam espiritualmente e de salvar o maior número de pessoas, mas também colabora para a aproximação, no tempo, do reino de Deus. De fato, a vinda do Senhor “não será retardada para além do tempo em que a mensagem for levada a todas as nações, línguas e povos” (*Ibidem*, p. 697).

A Vitória Está Perto

Os sinais da breve volta de Cristo estão se sucedendo ao nosso redor. As profecias nos dizem que temos o privilégio de viver nas últimas horas da história deste mundo. Mas não fomos privilegiados para permanecermos como espectadores. Temos o privilégio de sermos protagonistas do desenlace final do grande conflito. Esse privilégio implica em responsabilidade. Devemos proclamar as mensagens dos três anjos a um mundo que perece no erro.

“Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não tardará” (Hebreus 10:37). Exige-se de nós que apresentemos essa última mensagem que sacudirá a terra; depois virá a vitória.

“A obra está prestes a concluir-se. Os membros da igreja militante que se houverem demonstrado fiéis, tornar-se-ão a igreja triunfante. Carta 32, 1892.

“E nosso General, que não erra nunca, diz-nos ainda: "Avançai; entrai em novo território; içai o estandarte em toda terra. 'Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti.'" Isa. 60:1.

“É chegado o tempo em que, por intermédio dos mensageiros de Deus, o rolo do livro se abrirá ao mundo. A verdade contida na primeira, segunda e terceira mensagens angélicas, tem de ir a toda nação, tribo, língua e povo; ela deve iluminar as trevas de todo continente, e estender-se às ilhas do mar. Não deve haver dilação nessa obra.

“Nossa divisa deve ser: Para a frente, sempre para a frente! Anjos do Céu irão adiante de nós, a preparar-nos o caminho. Nosso cuidado pelas regiões distantes nunca poderá ser depositado enquanto a Terra inteira não for iluminada com a glória do Senhor” (*Ibidem*, p. 707).

Este deve ser nosso pedido diário: “Quero cumprir a tarefa que o Senhor me encomendou. Quero apressar Sua vinda. Senhor, que eu receba poderosamente Teu Santo Espírito em minha vida para me tornar um arauto da Tua vinda. Amém”.

E quando o Rei dos reis e Senhor dos senhores vier com Seus santos anjos, em glória e majestade, poderemos ouvir: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21).

A NOVA TERRA

Pr. Marcos Blanco

Recém iniciávamos a viagem de automóvel. Minha filha, 3 anos, olhava pela janela do carro em direção ao céu. Nuvens pesadas e bonitas o cobriam. Depois de observá-lo por algum tempo, ela perguntou:

- Papai, quando iremos para o céu?

Fazia pouco havíamos estudado o que Deus preparou na Nova Terra, e ela estava manifestando seu anelo de estar lá.

Pessoalmente, creio que o capítulo 65 de Isaías, onde há um vislumbre do que será a Nova Terra, foi escrito especialmente para as crianças. Meus filhos amam os animais e o simples fato de pensarem que irão poder acariciar os cordeiros, lobos, leões e elefantes sem medo os fazem vibrar antecipando o dia em que estaremos na Nova Terra.

E quanto a nós, jovens e adultos? O que mais nos atrai a respeito do céu? Já ouvi muitas versões a respeito da Nova Terra com seus gostos e inclinações. Mas, para ser sincero, o que mais me atrai na Nova Terra não é se poderemos realizar determinada atividade ou se teremos certas coisas. O que me atrai é Jesus. A Nova Terra gira em torno de Jesus. Talvez essa seja a razão porque muitos cristãos preferem seguir vivendo a vida aqui antes de anelarem chegar na Nova Terra: acabamos demasiadamente centralizados no que poderemos ou não fazer e deixamos de lado com quem estaremos lá.

De que vale o paraíso mais sonhado, com as comodidades mais agradáveis e as atividades mais interessantes sem o nosso Salvador? Necessitamos fazer um trabalho melhor quando apresentamos a beleza de nosso Salvador durante nossa adoração. Se desenvolvermos um vínculo tão estreito com o Maravilhoso Deus do céu, esse lugar não poderá ser comparado com nada mais. Essa será a maior alegria de nossa nova condição, ou seja, “ver-Lhe o rosto”. “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles” (Apocalipse 21:3)

Superará Todos os Nossos Sonhos

O que Deus preparou para nós, na Nova Terra, está além do que podemos imaginar ou pensar: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1 Coríntios 2:9). O que quer que nos atraia na terra será superado em muito na Nova Terra!

Quando o apóstolo João tentou descrever a Nova Terra, ele o fez usando a fórmula: “e o mar já não existe”. “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Apocalipse 21:1, 4). O pecado terá desaparecido e, com ele, a morte, a enfermidade e a dor. Absolutamente todas as consequências do pecado terão desaparecido e o universo terá sido restaurado a seu equilíbrio original. Somente haverá o bem e o amor.

Mas não para por aqui. Se bem que a paz, a alegria e a plenitude irão permear tudo, a Nova Terra não será um lugar estático nem carente de emoções e de atividades. Ellen G. White

declara: “Cada faculdade será desenvolvida, toda habilidade aumentada. Os maiores empreendimentos serão levados a êxito, as mais elevadas aspirações alcançadas, realizadas as mais altas ambições. E surgirão ainda novas alturas a serem alcançadas, novas maravilhas para serem admiradas, novas verdades a serem compreendidas, novos objetos de estudo a desafiar as faculdades do corpo, da mente e da alma” (*O Lar Adventista*, p. 549). Sejam quais forem seus gostos e atividades favoritas, seguramente no céu você irá encontrar algo maior! Deus pensou e tudo!

A Nova Jerusalém

A Nova Jerusalém será a cidade capital da Nova Terra. No hebraico, *Jerusalém* significa a “cidade de paz”. João fez o que pôde, com a linguagem humana imperfeita para descrever a beleza da Nova Jerusalém. A cidade é como uma “noiva adornada para o seu esposo” (Apocalipse 21:2). A “luz” que emanava da cidade foi o que chamou a atenção de João (Apocalipse 21:9, 11). A glória de Deus ilumina a cidade, fazendo que a luz do Sol e da Lua sejam desnecessárias (Apocalipse 21:23, 24). Na Nova Jerusalém, não haverá becos escuros visto que as paredes e as ruas são translúcidas e “ali não haverá noite” (Apocalipse 21:25). “... nem precisavam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles” (Apocalipse 22:5).

Deus não poupou recursos quando construiu a cidade. As paredes são de jaspe cristalino, uma pedra muito preciosa (Apocalipse 21:11, 18). Os fundamentos são formados por doze pedras preciosas: jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sardônio, sárdio, crisólito, berilo, topázio, crisópraso, jacinto e de ametista (Apocalipse 21:19, 20). Porém, a maior parte da construção é feita de “ouro puro, semelhante a vidro límpido” (Apocalipse 21:18). Doze portas, cada uma feita de uma só pérola, dão acesso a essa metrópole principal.

Há outras pinceladas a respeito de como será a Nova Terra. João viu o Trono de Deus no centro da cidade, de onde flui o “o rio da água da vida” (Apocalipse 22:1). E com sua majestosa imponência, de uma a outra margem do rio está a árvore da vida. Seus doze frutos contêm o elemento vital que tem feito falta à raça humana desde que Adão e Eva tiveram de deixar o Éden: o antídoto para a velhice, para a deterioração e para o cansaço (Apocalipse 22:2; Gênesis 3:22). Os que comem do fruto dessa árvore não necessitam descansar à noite (ver Apocalipse 21:25), porque na Nova Terra não sentirão cansaço.

Jesus prometeu que iria preparar mansões (João 14:1-5). Isaías adianta que os redimidos “edificarão casas e nelas habitarão” (Isaías 65:21). A edificação implica no preparo da planta, a construção, o acabamento e mobília e a possibilidade de remodelar e reconstruir. Da palavra “habitarão” podemos supor uma enorme quantidade de atividades relacionadas com a vida quotidiana, tal como “plantar vinhas”.

Reinará perfeita harmonia no universo. A extensão material e temporal sem limites se destina à felicidade dos filhos de Deus. Este é o parágrafo com que Ellen G. White encerra sua série de *O Grande Conflito*: “O grande conflito terminou. Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor” (*O Grande Conflito*, p. 678).

Uma Perspectiva Diferente

Crer na doutrina da Terra Nova nos dá uma perspectiva diferente na vida, um horizonte:

- Dá-nos incentivo para suportar. O próprio Cristo “em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hebreus 12:2). Paulo renovava seu ânimo contemplando a glória futura: “Por isso, não desanimamos;... Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Coríntios 4:16, 17).
- Produz a alegria e a segurança de uma recompensa. Cristo disse: “Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus” (Mateus 5:12).
- Dá forças para resistir à tentação. Moisés pôde se afastar dos “prazeres do pecado” e dos “tesouros do Egito, porque contemplava o galardão” Hebreus 11:26.
- Provê um vislumbre do que será o céu. A recompensa do cristão não está só no futuro. Cristo mesmo, mediante o Espírito Santo, vem ao cristão e mora com ele como uma prova ou “penhor” que garante as bênçãos futuras (2 Coríntios 1:22; 5:5; Efésios 1:14). Cristo diz: “se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Apocalipse 3:20). E quando Cristo vem, sempre traz o céu consigo. A comunhão com Ele “o céu na terra é o começo da glória, é a salvação antecipada” (*Review and Herald*, 14 de novembro de 1854).
- Conduz a uma maior eficiência. O cristão que planeja viver eternamente estruturará sua vida com mais cuidado e assim impressionará de forma mais proveitosa a sociedade em relação aos que acreditam que são descartáveis e que não têm sentido na vida.

Convido-o hoje a viver em nosso mundo tendo em mente a meta da Nova Terra. Podemos viver hoje em comunhão com Cristo, antecipando a maravilhosa experiência que será ver face a face a Ele e desfrutar de Sua presença. Viva aqui, neste mundo, como um cristão total e, muito em breve, a Nova Terra será realidade em sua vida.

O MILÊNIO E O FIM DO PECADO

Pr. Marcos Blanco

Há pessoas que podem viver sem respostas. Não sou uma delas. Sou curioso. Gosto de pesquisar. Tenho muita dificuldade em seguir em meu caminho sem resolver as questões. Mas, o que em muitas ocasiões é uma virtude, pode se converter em algo prejudicial. Por quê? Falando francamente, a vida nem sempre nos dá todas as respostas. Inclusive há eventos que, humanamente falando, não têm resposta. Do lado de cá da linha, não encontramos muitas das respostas que estamos buscando.

Que linha é essa? O começo do milênio. O Apocalipse nos diz que teremos mil anos para obter respostas a todas as nossas perguntas, especialmente as dúvidas que tivemos com respeito ao caráter de Deus e Sua justiça. Podem ficar dúvidas do outro lado da eternidade? Vejamos um exemplo.

Você sai da mansão que Deus lhe preparou à procura, suponhamos, daquela pessoa que lhe pregou o evangelho e o levou aos pés de Jesus. Durante toda sua vida essa pessoa foi um exemplo de cristianismo prático. Então sai à procura dela mas não consegue encontrá-la até que vê um anjo guardião. Este lhe diz que lamentavelmente a tal pessoal não está na Nova Terra. *Como pode ser?*, você pergunta.

Ainda intrigado com essa notícia, depara-se com alguém que está caminhando em sentido contrário. Vê o rosto da pessoa detidamente. Sim, é exatamente aquele indivíduo que vivia perto de sua casa na terra. Era um ladrão e assassino e que acabou sendo condenado à prisão perpétua. Será que Deus Se equivocou? Que tipo de Deus permite que alguém como essa pessoa esteja no céu enquanto que aquele que lhe deu os estudos bíblicos e que foi um exemplo de cristão para muitos não esteja aqui?

Prelúdio do Milênio

A vinda de Cristo estabelecerá o ponto de partida de uma sucessão de fatos que têm seu início e fim com o milênio. A segunda vinda de Cristo produzirá um impacto demolidor sobre Satanás e seus aliados (ver Apocalipse 19:19-21). Aqueles cujos nomes não estejam inscritos no livro da vida (Apocalipse 13:8) serão destruídos, praticamente, de forma instantânea. Satanás será obrigado a observar a destruição dos que lhe ofereceram sua lealdade. Ainda, terá a certeza de que a contagem regressiva o está empurrando para os umbrais do fim de sua fatídica carreira, acrescentando à sua experiência um padecimento adicional.

As aleluias ouvidas no céu serão profundo contraste com o dramático abatimento dos pecadores (Apocalipse 19:1). Isso irá marcar o fim das atividades descritas sob a sétima praga (Apocalipse 16:17-21), em preparação para a batalha do Armagedom.

Começo do milênio

A expressão “feito está”, registrada em Apocalipse 16:17, permanecerá por trás dos bastidores aguardando o sinal de Deus. Antes desse anúncio, todos terão a oportunidade de escapar da aniquilação que resultará na segunda morte. Porém, quando for dado o aviso de Deus não mais será ouvida sequer uma petição de clamor. Por isso, quando as quatro aleluias de Apocalipse 19:1 a 8 entrarem em ação, a batalha do Armagedom terá sido concluída e

então, para os redimidos amanhecerá o milênio, marcando o início da vida eterna na presença de Deus.

O milênio é um interlúdio, uma marca divisória entre a segunda e a terceira vinda de Jesus; entre a ressurreição e a ascensão dos redimidos e a ressurreição e condenação dos pecadores.

O Diabo Fica Preso

Por ocasião da Segunda Vinda, depois da morte dos ímpios, o Revelador observa a aproximação de outro anjo “que desce do céu” (ver Apocalipse 20:1). Ao prender o demônio, o mensageiro o lança vivo para o abismo e “fecha a porta”, deixando-o preso por mil anos.

A porta fechada constitui o sinal do começo do milênio, período durante o qual Satanás estará impedido de se relacionar com outros seres inteligentes, salvo talvez com os que fazem parte de seu bando demoníaco. Preso no que uma vez foi seu reino, o diabo, único sobrevivente, terá tempo suficiente para analisar os atos que levaram à sua ruína.

Em visão, Jeremias viu a condição caótica em que a terra ficou durante o milênio. Sem seres humanos, sem aves, luz, sem nada. Preso por essa realidade, e com a chave do cárcere nas mãos do anjo, Satanás fica só com seus seguidores. Os ímpios estão mortos. Os justos ressuscitados foram transladados e gozam do amparo de Deus no céu.

Um Juízo Especial

Na visão de Apocalipse 20:4, João viu “tronos” sobre os quais se assentam os que têm a responsabilidade de julgar. Estes são descritos como os que, graças a Cristo, tiveram a vitória sobre o mal. É a visão do tribunal celestial, que tem a missão de administrar a justiça de Deus.

Quando Deus entra no cenário com o fim de estabelecer o julgamento apresentado em Apocalipse 20, é-nos dito que os redimidos participarão do julgamento como juízes! Será um momento muito solene. O sofrimento que os pecadores passaram por ocasião da segunda vinda de Cristo não será nada comparado com o juízo que enfrentarão na segunda morte. A sessão inicia com a abertura dos livros. Paulo nos lembra: “Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo?... Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?...” (1 Coríntios 6:2, 3).

Por que mil anos para realizar o julgamento?

O julgamento dos maus será determinado pelas anotações que se encontram nos “livros”. Nesses registros obteremos as respostas até a última dúvida que pudesse haver. Por isso o juízo contra os pecadores será revisado por aqueles que se assentam nos tronos durante os mil anos.

Enquanto avança o julgamento, caso a caso, os que rejeitaram a graça de Deus serão eliminados dos registros do Livro da Vida, segundo o que Deus já havia antecipado a Moisés: “Riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim” (Êxodo 32:33). Quando acabar o processo de revisão individual, a multidão aclamará com grande voz: “Justos e verdadeiros são todos os teus juízos!” O veredicto de Deus, com respeito aos pecadores, será vindicado pelos redimidos. Então o caminho ficará desimpedido para a concretização do drama final do milênio.

Ajuizamento do Diabo

No fim do milênio, a segunda ressurreição marcará a libertação de Satanás (Apocalipse 20:7), e a ressurreição dos pecadores será a “chave” que o libertará do abismo.

As lembranças de suas fracassadas tentativas contra a raça humana não irão inibir Satanás de seguir praticando seus atos criminosos. Ele irá organizar um ataque final desesperado, quando consuma seu terceiro ataque contra o Salvador. Impelido por suas amargas decepções e numa ridícula demonstração de força sem sentido, dos quatro cantos da terra o diabo lança suas forças contra o Salvador e, para alcançar o objetivo, cercam o acampamento dos santos e a Cidade amada.

Semelhante a uma parábola, o milênio enfatiza um só aspecto: O juízo que aniquilará Satanás e seus seguidores. A vitória será maravilhosamente expressada no hino entoado pelos que triunfaram sobre a besta e suas hostes. É o cântico de Moisés, servo de Deus, e do Cordeiro (Apocalipse 15:1-4).

O pesadelo mais temido pelo diabo se torna realidade ao ser lançado vivo no lago de fogo juntamente com a besta e o falso profeta (v. 10). Toda a quadrilha e os pecadores serão consumidos pelo fogo sem deixarem qualquer vestígio (vs 9, 15). Esta será a segunda morte (v. 14).

O resultado do milênio além do papel desempenhado na missão de vindicar a justiça de Deus, também porá em evidência o profundo significado dos sofrimentos de Jesus, sofrimentos que nunca conseguiremos compreender plenamente.

Deste Lado do Milênio

Deus foi bondoso para conosco. Deixou-nos um mapa detalhado dos últimos acontecimentos na terra. O milênio nos mostra um Deus misericordioso que dá repetidas oportunidades aos pecadores. Mas ele também nos fala de um Deus justo, que tomará a vingança em Suas mãos contra o grande enganador e acusador dos seres humanos.

Talvez em sua mente haja muitas perguntas. Talvez não haja respostas para elas deste lado do milênio. Porém, podemos ter de fato certeza de algo: Deus é misericordioso. Seu caráter é amor e, acima de tudo, Ele é um Deus justo. No milênio haverá tempo suficiente para as respostas às nossas perguntas. Enquanto isso, podemos descansar em um Deus de amor.

DÁ CONVICÇÃO À DECISÃO

Pr. Marcos Blanco

Ao longo da jornada espiritual, você alguma vez repassou as crenças fundamentais e o estilo de vida que mantemos como Igreja Adventista do Sétimo Dia? Deus espera que você viva como um cristão que foi transformado pela graça de Deus. Deus está mais do que disposto a nos dar o poder para provocar mudanças em nossa vida, de tal forma que nosso caráter se torne cada dia mais semelhante ao de Cristo.

É provável que, durante este estudo, sua realidade espiritual tenha sido confrontada com a vontade de Deus. O Espírito Santo tem operado em seu coração, mostrando-lhe as áreas de sua vida que devem mudar. Você tem firme convicção do que Deus lhe está pedindo. Então, qual é o passo seguinte a ser dado?

O processo de mudança em nossa vida espiritual tem, pelo menos, dois passos bem definidos. O primeiro diz respeito à convicção. Deus emprega diversos meios para nos mostrar o que é o melhor para nossa vida e as mudanças que devemos fazer. Talvez essa convicção venha através de uma passagem bíblica, de um sermão, da voz do Espírito Santo em nossa consciência, do conselho de um irmão ou dos atos providenciais de Deus. Chega então o momento em que nos convencemos de que Deus pede uma mudança em nosso estilo de vida ou em nossa forma de pensar. A convicção, então, é o primeiro passo.

Mas, a convicção deve ser seguida pela decisão. De nada vale estar convicto de algo se, de fato, não o colocamos em prática. De nada vale ter a convicção de que Deus está pedindo uma mudança em minha vida se não estou disposto a deixar que o Espírito Santo atue com Seu poder em minha vida para que eu possa abandonar esse hábito.

Alguns acreditam que podem deixar transcorrer muito tempo entre a convicção e a decisão. Alguns sentem o chamado claro do Espírito para abandonar algo, mas adiam a tomada da decisão. “Quando for adulto, poderei fazer essas mudanças em minha vida”, pensam alguns jovens. “Quando minha situação financeira melhorar, poderei começar a ser fiel a Deus na devolução dos dízimos e das ofertas”, imaginam outros. Porém, o caso de Judas nos pode dar um vislumbre dos perigos que corremos com essa atitude.

Por que Judas Se Perdeu?

Não gostamos de analisar a vida de Judas. Ainda mais, nem mesmo queremos mencioná-lo o nome. Toda vez que os escritores dos evangelhos relacionam os discípulos de Jesus, invariavelmente colocam Judas no final, com o qualificativo de “traidor”. Mas nem sempre foi assim com Judas. Ellen G. White nos diz que ele começou como muitos de nós, sentindo o desejo de ser verdadeiro cristão: “Todavia, quando Judas se uniu aos discípulos, não era insensível à beleza do caráter de Cristo. Sentia a influência daquele poder divino que atraía almas ao Salvador” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 294).

O que aconteceu então no coração de Judas? O que determinou seu destino tão diferente dos demais discípulos? Em João 12, seis dias antes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, é mencionado o relato interessante no qual Maria derrama um perfume valiosíssimo sobre os pés de Jesus. Prontamente Judas a repreende (e de forma velada também faz uma censura a Jesus). Jesus admoesta Judas por sua repreensão: “...Cristo repreendera a Judas. Antes disso,

o Salvador nunca lhe fizera uma censura direta. Agora, a reprimenda irritou-lhe o coração. Decidiu vingar-se. Da ceia, saiu diretamente para o palácio do sumo sacerdote, onde encontrou reunido o conselho, e ofereceu-se para lhes entregar Jesus nas mãos” (*Ibidem*, p. 563). Foi assim forjada a traição de Judas.

Porém, Judas teve mais uma semana para meditar quanto à sua decisão. Ele deve ter ouvido Jesus pregar. Sem dúvida, o Espírito Santo trabalhou em seu coração. Contudo, os momentos culminantes de sua decisão ocorreram na Última Ceia.

Lembremos os fatos. Não podiam iniciar a celebração da Páscoa até terem lavado os pés, que tanto era ritual – litúrgico – quando higiênico. Na casa, essa tarefa era realizada por um servo. Mas ali não havia um servo. Portanto, alguém deveria cumprir essa tarefa. Nenhum dos discípulos se dispôs a tal. Jesus deixa, deliberadamente, transcorrer alguns minutos. Logo começa a lavar os pés dos discípulos.

Judas foi o primeiro cujos pés foram lavados. Imagino com que ternura e amor Jesus lhe lavou os pés, mesmo sabendo que O iria trair. Quando Cristo ama, os resultados são imediatos. “Quando as mãos do Salvador estavam lavando aqueles empoeirados pés, e enxugando-os com a toalha, o coração de Judas comoveu-se intensamente com o impulso de confessar no mesmo instante e ali mesmo o seu pecado” (*Ibidem*, p. 645).

Judas sentiu o desejo quase irrefreável de confessar seu pecado. Durante alguns minutos a vida eterna de Judas pendeu para essa direção. “Mas não se queria humilhar. Endureceu o coração contra o arrependimento, e os velhos impulsos, no momento postos de lado, dominaram-no novamente” (*Ibidem*).

O evangelho de João diz que depois do lava-pés, e ao participarem da ceia, Jesus anunciou que um dos discípulos iria traí-Lo (João 13:21). João perguntou quem era o traidor, e Jesus respondeu entregando o pão molhado a Judas. A Bíblia diz: “E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás” (v. 27). “Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite” (v. 30).

Com esse ato, Judas selou seu destino. Ellen G. White faz um comentário revelador: “Até dar esse passo, Judas não passara os limites da possibilidade de arrependimento. Mas quando saiu da presença de seu Senhor e de seus condiscípulos, fora tomada a decisão final. Ultrapassara os termos” (*Ibidem*, p. 654-655).

Depois de Cristo haver sido preso, acusado por sua consciência e temendo as consequências de sua traição, Judas tentou devolver o dinheiro, para resgatar seu Mestre. Mas foi inútil. “Judas viu que suas súplicas eram em vão e precipitou-se da sala, exclamando: É tarde! É tarde! Sentiu que não poderia viver para ver Jesus crucificado e, em desespero, foi enforcar-se” (*Ibidem*, p. 722).

Os Perigos de Postergar o Momento da Decisão

Na experiência de Judas se pode ver claramente os perigos de passar pelo momento da decisão e postergá-la. Enquanto Cristo lavava os pés de Judas, este sentiu a convicção de confessar ali mesmo seu pecado. Mas não o fez. Não avançou até a decisão. O que acontece quando temos a convicção mas não passamos pela decisão? “Os velhos impulsos, no momento postos de lado, dominaram-nos novamente” parafraseando E.G. White, em *O Desejado de Todas as Nações*, p. 645.

Quando postergamos a decisão, a convicção se dilui e acabamos em uma condição ainda pior, porque não apenas somos dominados novamente pelos velhos impulsos, mas também endurecemos nossa consciência, tornamo-nos mais insensíveis à voz do Espírito Santo, afastamo-nos ainda mais de Jesus.

Toda vez que passamos pelo momento da convicção e não tomamos a decisão, afastamos um passo mais de Cristo. O perigo é que não sabemos em que momento poderemos dar o passo que nos afastará definitivamente dEle. Se existe o “ponto sem volta”, o “limite” do qual fala Ellen G. White, quando nos tornamos tão insensíveis à voz do Espírito Santo, selamos nosso destino. Judas cruzou esse limite sem se aperceber. Quando quis voltar atrás, já era demasiadamente tarde, como ele mesmo o expressou.

É por esse motivo que a Bíblia insiste em que o momento da salvação seja agora: “...eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2 Coríntios 6:2). No que diz respeito à salvação, não existe o amanhã. Hoje sempre é o dia da salvação (Hebreus 3:15; 4:7), porque o amanhã não nos pertence. Não compramos o nosso futuro. Se hoje ouvirmos a voz do Espírito Santo, é hoje que devemos tomar a decisão de mudar.

Se Deus estiver falando a seu coração, não postergue sua decisão. Convido-o a cair de joelhos agora mesmo, diante de Deus, e tomar a decisão de mudar. Ele está mais que disposto a lhe dar o poder para viver vida vitoriosa.